

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Continuada do n.º 29)

Já mataram-no Galãma,
ninguém le deu o valôri,
já o levárom á mortí
quem no matô foi treidôri.

Ectes malhados do Porto
realistas querem scri:
descozêram-nas casacas
para as tornar a cozêri.

Quim me dera il-ó Porto
vel-o Duque da Tercêra,
para vel-as carantônhas
qu' elle faz na ratoêra.

E' um gostinho
ver il-os burros,
de cabeça baixa,
sem darem zurros.

Ai, ai, ai,
vi no Rechio,
tud' a tremor
sem haver frio.

Ditoza Villa de Castro,
dónde o Senhor appar'ceu,
onde D. Affonso Henrique
sua batalha venceu.

Portugal é invejado
por toda a nação 'strangêra,
só por ter as cinco chagas
na sua real bandêra.

Joã da Baiôo
mais o Remexido,
'stã sontado á menza
de bêço caído.

Joã da Baiôa
morrê, já lá vae,
lá ficô chorando
a mãe mal-o pae.

Joã' da Baiôa
no sé cavallinho,

e é' a sua'spada,
é um passarinho.

O Joã' da Baiôa
é um valentão,
matô' dezaseis
p'ra vingal-o irmão.

O dôtôr Zé Palos
foi ôs agriôos,
ô saltar do barranco
cairam-lh' os calções.

O dôtôr Zé Palo
foi ás alabaças:
ô saltar d'um barranco
cairam-lo as calças.

O combate de Vianna
foi ó pé da Olivêra;
entre mortos e feridos
quem vencê' foi o Noguêra.

Marianita foi á fonte,
e a mãe foi ôs olivaes,
e a filha ficô' em casa
brincando c'os liberaes.

Os malhados são do Porto,
realistas querem scri,
querem voltar a casaca
não a sabem descozer.

Lá no Rio de Janêro
appar'ceu um rotracto,
Dôna Maria segunda
filha de D. Pedro quarto.

O Sobalhaquo, ó Sobalhaquo,
já veste da Trecêra,
trazes de lá munta tropa,
mas nenhuma traz a bandêra.

E' avante mê's guerrêros
Vá avante sem temeri:
quem do pêto faz muralha
nunca treme a combatterí.

Ai é, não ai,
viva ôs liberaes
Francisco Remão
governo dos mais;

governo dos mais,
de Boja governo,
viva os libarães
que nunca tremerom:

que nunca tremerom
e sempre p'r'avante,
Francisco Remão
ó o sê' commandante.

Venha lenha, venha lenha,
morra o Saldanha quemado,
s' ha por 'hi algum, que venha,
qu' este vac 'stando aviado.

LVI
(Romance)

Santo Antonio

(2.^a versão)

Estando Santo Antonio em Padua,
A pregar o seu sermão,
Veio um anjo, por Deus mandado,
A trazer-lhe a embaixada,
—Tu, Antonio, podes crer
Que teu pai vac padecer,
D'uma morte innocente.
E pedin uma Ave-Maria,
No meo do seu sermão,
E foi à Sé de Lisboa.
Vio aquelle acto de gente:
—Aonde vac esse homem,
Esse homem innocente?
—Este homem è culpado,
Porque outro elle matou,
E para maior signal
No seu quintal o enterrou.
—Vamos onde está o morto:
Levanta-te homem morto.
Da parte do Omnipotente,
E desengana esta gente,
E diz quem te matou.
—Este homem não me matou,
Nem d'elle tenh o signaes,
Mas um que mal me queria,
E na companhia o levaes;
Não quer o meu sagrado messias
Que eu já descubra mais.
—O' meu padre reverendo,
Dizei-me onde moraes,
Que vos quero ir visitar,
Já que não presto p'ra raais.
—Admira-me, pae meu,
Não conhecer um filho seu,
Que lhe chamaram Fernando,
E lhe mudaram o nome p'r' Antonio

Para o livrar do demonio,
Que sempre o andava attentando.
—O' meu filho tão amado,
O' meu filho tão querido,
Que me livraste da morte
Sem eu te ter conhecido.
—Pae, deite-me a sua benção,
De dentro do seu coração,
Que tenho de ir para Padua
Acabar o meu sermão,
Que aquelles que lá estão
Já em falta me acharão.

(Recolhido, em Elvas, pelo sr.
José Joaquim Ferreira).

LVII
(Romance)

(Excerpto)

Andorinhas gloriosas
Sois mais lindas do que as rosas.
Quando Deus aqui nasceu
Todo o mundo esclareceu.
—Pastorinhas, bom dia.
Visteis por aqui Maria?
—Aqui ia mar abaixo,
Seu corpo levava santo,
E sem ninguem lhe acudir,
E junto d'aquelle logar
Lhe acudiu a Magdalena,
E seu sobrinho S. João.
Que esta oração disser
Sexta feira da paixão,
Tem cem annos de perdão
Para a sua salvação.

(Recolhido, em Elvas, pelo sr. José
Joaquim Ferreira)

LVIII

Os martyrios do Senhor

Hoj' è segunda fêra,
E' prencipo de somana,
Prenderom a Jasu-Christo
aquella luz tà sob'ana.
No ôtro di' è terça,
Stá mê Dês prêz' á clúna,
Per ca'za dos mêz peccados,
Mê Dês sem culpa n'nhuma.
No ôtro di' è quarta,
D'ispinhos o c'roarem,

Aquella c'róa d'ispinhos
 Mês peccados a cá'sarom.
 No ôtro di' é quinta,
 Na toalh' ó retrataram,
 Da baranda de Pilatos
 Mê devine pá' mostraram.
 No ôtro di' é sexta,
 Vá' mé Dês p'r' ó Calvario.
 Com cinque chág' abertas
 A pior é a do lado.
 No ôtro di' é sabbado,
 E' sabbado d'Allaluia,
 Vamos ver a Jasu Christi
 Que vêi' da morte p'r'á vida.
 No otro di' é domingo,
 Domingo da 'Surreição,
 Vamos ver a Jasu-Chisti,
 Que vei' da morte pá'ção.
 O' mê devine Sinhor,
 É vos cantô a pá'ção,
 Tambem 'spero d'alcançari
 Das minhas culpas perdão.

(Juromenha)

Os cinco sentidos

Passei pela oliveira,
 Cinco folhas lh'a apanhei,
 Foram os cinco sentidos
 Que no hospital empreguei.
 O primeiro é ver
 Quando vem o surtião,
 C'os punhos arregaçados
 E a lanceta na mão.
 O segundo é ouvir
 Quando toca ao almoço,
 O doente mosto do fême
 Vae estendendo o pescocoço.
 O terceiro é cheirar
 Se a ração lhe cheira bem,
 O doente morto de fome
 Tudo lhe vae saber bem.
 O quarto é gostar
 Da bella mão da vaca,
 O doente morto de fome
 Tem a compreição bem fraca.
 O quinto é apalpar
 Se o pão está duro ou mole,
 O doente morto de fome
 Tudo depressa engole.

Recollido, em Elvas, pelo sr. Manuel Vaz Torres).

LX

Conceito popular das cores

(Cantigas alentejanas)

O amarello debota,
 O encarnado perde a cor;
 Tambem eu já perdi
 A mizade ao meu amor.

Amarello, amarello,
 Amarello; linda cor,
 Quem se veste de amarello
 Desespera do amor.

Muito bem diz o preto,
 Ao pé do branco lavado;
 Muito brilha uma menina
 Ao pé do seu namorado.

Menina não vista branco,
 Que o branco logo se suja,
 Vista amarello, cor d'oiro,
 E' agora o que se usa.

Quem disser que o verde é feio
 Heide-lhe dizer que mento
 Não ha cravo, não ha rosa,
 Aonde o verde não entro.

Dizem que o preto é luto
 Eu acho que é gravidade;
 Deixa-te andar, meu amor,
 Que andas á minha vontade.

Não sei que mal fiz ao sol,
 Quem não vem á minha rua
 Hoide vestir-me de branco,
 Que de branco veste a lua.

Dizes que o verde é esp'rança,
 Amor bem te tenho esp'rado,
 O encarnado é vingança,
 Amor, bem te tens vingado.

Eu gosto do encarnado
 Só pela vista que faz;
 Que voltas darei eu hoje
 P'ra fallar ao meu rapaz.

Quem diz que o preto é fime
 Bem pouco entende de cores;
 Já amei uns olhos pretos,
 Logo me foram traidores.

O encarnado se queixa
 Que não tem bonita cor,

Viva o roxo, côr do lírio,
Na ausencia do meu amor.

Antonio Thomaz Pires.

Estes materiaes foram primeiramente publicados em folhetins do *Elvensense*, de Elvas, no anno de 1885, de onde são extrahidos.

N. da R.

A LENDA DO MAR TENEBROSO

Entre as relações curiosas que no seculo XV corriam sobre os mysterios que o Oceano occultava, ha uma que o barão de Rozmitale e Baltira, irmão da rainha Joanna, de Bohemia, registou em toda a sua singella ingenuidade, na obra em que descreveu as peregrinações que começou em 1465.

Eis essa lenda:

N'uma época ignorada, certo rei de Portugal mandou construir tres navios, a bordo de cada um dos quaes fez seguir, com a respectiva equipagem, 12 escreventes, que deveriam relatar minuciosamente tudo o que se passasse na viagem que taes navios fariam, e que deveria durar 14 annos.

Partindo a frota, foi dar, no fim de dois annos, a uma região tenebrosa, e, navegando n'ella, aportaram os navios, ao cabo de duas semanas a uma ilha desconhecida, onde havia habitações subterraneas, cheias de ouro e prata, riquezas immensas, em que os portuguezes tiveram medo de tocar.

Depois de tres horas de permanencia na ilha, e não tendo visto habitantes, os navegadores voltaram para os navios e, mal se fizeram ao mar o Oceano se declarou em grande tormenta.

Reunido o conselho, os capitães resolveram que dois dos navios arrostassem com as vagas e tentassem passar além d'aquella procellosa região, em quanto o restante, pondo-se á capa, esperaria que voltassem os outros, durante quatro ou cinco dias.

Dezeseis dias esperou em vão esse terceiro barco, e, tendo adquirido os tripulantes a certeza de que os seus companheiros haviam perecido, voltaram a Portugal, onde ninguém os reconheceu, nem o proprio rei, pois tinham encanecidos os cabellos e demudadas as feições.

FIM DO 15 ANNO